

A entrada directa de António Mesquita na guerra coincidiu com o início real da guerra em África. Na noite de 3 para 4 de Fevereiro de 1961, o motorista de jipões da companhia de caçadores 83 estava mais os companheiros na estação de Luanda. Bebia calmamente cerveja e comia camarão à espera do comboio para Malanje, quando se deu o ataque simultâneo dos militantes do MPLA a duas cadeias e ao quartel de polícia da capital angolana.

O ataque falhou, mas muitos mortos e feridos caíram dos dois lados. "Já não fomos para Malanje. No outro dia fomos assistir ao enterro dos polícias." O jovem António Mesquita chegara a

Luanda poucos meses antes e tinha partido de Lisboa sem sequer avisar os pais. Ele, como os outros

— incluindo o governo de António de Oliveira Salazar — não estavam preparados para o que veio a seguir.

Em meados de Março, chegou a Lisboa os ecos das chacinas nas fazendas do noroeste interior do país, na zona dos Dembos, desta vez cometidas por outra organização nacionalista, a UPA (União dos Povos de Angola). Morrem entre 800 e 1200 brancos e cinco vezes mais negros. A resposta do lado português, militar e civil, não será menos violenta.

A 13 de Abril, o Presidente da República, Américo Thomaz, demitia o ministro da Defesa, Botelho Moniz, e o general Costa Gomes, e Salazar assumia a pasta. Nessa mesma noite, pela televisão, o presidente do Conselho lançava Portugal para 14 anos consecutivos de guerra, declarando que, para Angola, só havia uma solução: "Andar rapidamente e em força".

Assim se fez e António Mes-



ANTÓNIO MESQUITA

COMISSÃO EM ANGOLA

"ACHA ISTO LÓGICO?!"

quita, que já lá estava, mergulhou de cabeça no horror. Muitos meses sempre em deslocação no Norte de Angola, mais (pelas contas que faz) de dez mil quilómetros pelos caminhos de combate — Malange, Caxito, Dondo, Nambuangongo. O primeiro ataque que sofreu foi perto de Vilaverde. Ia ao volante quando rebentou uma saraivada de zagalotes e canhangulos, uns tubos de construção que apenas disparavam uma vez, com efeitos terríveis. Seguiu-se uma luta corpo a corpo com os guerrilheiros. Dessa, sobra-lhe uma cicatriz na pálpebra direita e uma cena que nunca fugiu da sua cabeça: um homem a avançar e ele a descarregar-lhe no corpo os cinco tiros da arcaica Mauzer de repetição.

O guerrilheiro morreu-lhe quase em cima, o espanto ficou. Por momentos pensou que era verdade o que constava: "Eles levavam amuletos. Diziam que se morressem ressuscitavam outra vez."

Os prisioneiros foram obrigados a abrir valas comuns para se enterrarem uns aos outros e António Mesquita saiu dali ferido, na parte traseira de um dos jipões. "Eu e mais dois colegas mortos no jipão, eu em cima deles. Já viu o que é ir ao pé dos colegas mortos e abraçá-los a chorar?"

Fala hoje mesmo do passado através das fotografias acastanhadas que foi enviando periodicamente aos pais até que encheram uma caixa de cartão em 1962, quando finalmente voltou. Segu-

